

**O CINEMA AFRICANO
TECENDO REDES
EDUCATIVAS E DE
SUJEITOS NA FORMAÇÃO
DE PROFESSORES NA
MUNICIPALIDADE DE JUIZ
DE FORA**

THE AFRICAN CINEMA WEAVING
EDUCATIONAL NETWORKS AND
SUBJECTS IN TEACHER TRAINING IN
THE MUNICIPALITY OF JUIZ DE FORA

LE CINEMA AFRICAIN TISSANT DES
RÉSEAUX ÉDUCATIFS ET DE SUJETS
DANS LA FORMATION
D'ENSEIGNANTS DANS LA
MUNICIPALITÉ DE JUIZ DE FORA

**Senakpon Fabrice Fidèle Kpoholo¹
Maria Teresa de Assunção Freitas^{2, 3}**

RESUMO

Ao fruir um filme a convite de um ou uma cineasta, saímos sempre dessa experiência com algo novo dentro de nós. Isso porque, durante o mergulho na(s) história(s) tramada(s) pelas imagens, estas também nos penetram profundamente. Conectam-se as redes presentes dentro de nós, sacudindo-as e tecendo novos fios. É para a descoberta de alguns desses fios que este texto

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Mestrado em Educação (UERJ). Graduação em Geografia e Planejamento Territorial pela Université d'Abomey-Calavi (UAC, Benin). E-mail: fabrice19882000@yahoo.fr.

² Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade Dom Bosco de Filosofia Ciências e Letras, mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). E-mail: freitas.mteresa@gmail.com.

³ Endereço de contato dos autores (por correio): Universidade Federal de Juiz de Fora. Programa de Pós-Graduação em Educação. Campus Universitário - Rua José Lourenço Kelmer, s/n - São Pedro, Juiz de Fora - MG, CEP: 36036-900, Brasil.

convida o leitor. Origina-se de uma pesquisa de doutorado em curso, que objetiva, por meio da perspectiva histórico-cultural, apreender uma ou possíveis contribuições do cinema africano para o ensino da história do continente africano e da abordagem de suas culturas em salas de aula. Trata-se de reflexões iniciais tecidas a partir de um recorte do campo de pesquisa procurando enxergar as redes evidenciadas – pelo encontro das praticantes – em torno do cinema africano.

PALAVRAS CHAVES: Cinema, cinema africano, educação, redes educativas, arte.

ABSTRACT

By enjoying a film at the invitation of one or a filmmaker, we always leave this experience with something new inside us. This is because, during the dive into the story (s) plotted by the images, these also penetrate deeply. They connect the nets present within us, shaking them and weaving new threads. It is for the discovery of some of these strands that this text invites the reader. It originates from an ongoing doctoral research that aims, through the historical-cultural perspective, to apprehend one or possible contributions of African cinema to teaching the history of the African continent and approaching its cultures in classrooms. These are initial reflections based on a clipping of the field of research, seeking to see the networks evidenced by the meeting of practitioners around the African cinema.

KEYWORDS: Cinema, African cinema, education, educational networks, art.

RESUMEN

Al disfrutar de una película a invitación de uno o una cineasta, salimos siempre de esa experiencia con algo nuevo dentro de nosotros. Esto porque, durante el buceo en la historia (s) tramada (s) por las imágenes, éstas también nos penetran profundamente. Se conectan las redes presentes dentro de nosotros, sacudiéndolas y tejiendo nuevos hilos. Es para el descubrimiento de algunos de



revista Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 5, agosto. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n5p557>

esos hilos que este texto invita al lector. Se origina de una investigación de doctorado en curso, que objetiva, por medio de la perspectiva histórico-cultural, aprehender una o posibles contribuciones del cine africano para la enseñanza de la historia del continente africano y del abordaje de sus culturas en aulas. Se trata de reflexiones iniciales tejidas a partir de un recorte del campo de investigación buscando ver las redes evidenciadas - por el encuentro de las practicantes - en torno al cine africano.

PALABRAS CLAVES: Cine, cine africano, educación, redes educativas, arte.

Recebido em: 22.03.2017. Aceito em: 29.06.2018. Publicado em: 01.08.2018.

Vislumbrando as redes

A busca pela identificação de possibilidades de contribuição do cinema africano para o ensino da história desse continente e para a abordagem de suas culturas no espaço escolar aponta nesse sentido para a existência de redes complexas. As primeiras ideias levantadas pelo campo inscrevem as possibilidades de contribuição existentes em um processo. É preciso partir de um ponto e fazer todo um processo. O ponto de partida estabelecido é o encontro com as professoras, sujeitos reais das escolas, verdadeiras *praticantes pensantes* (OLIVEIRA, 2012). Esse encontro com um grupo de professoras da rede municipal de Juiz de Fora para participarem de sessões cinematográficas focalizando o cinema africano possibilitou a constituição do campo de pesquisa. É desse campo que brotam as primeiras flores, os primeiros cheiros, os primeiros textos. Textos discursivos dos sujeitos da pesquisa. Aproximamos-nos mais desses discursos, a partir de dentro deles, e ao mesmo tempo fora deles. Ou seja, buscamos ocupar uma posição *exotópica* que nos possibilitasse usufruir do nosso *excedente de visão* em relação aos sujeitos da pesquisa para poder começar a vislumbrar as primeiras redes tecidas pelos seus fios discursivos. Bakhtin afirma justamente o seguinte:

(...) Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento (BAKHTIN, 2010, p.23).

A posição *exotópica* é importante na medida em que buscamos nesse primeiro momento entender a percepção que os sujeitos participantes têm do continente africano e ao mesmo tempo identificar como se deu a construção

dessa percepção. Nesse contexto, a nossa posição se encontra sempre em trânsito. Em um primeiro instante saímos do nosso horizonte de sujeito africano para ocupar o mesmo horizonte que os sujeitos da pesquisa, penetrando o contexto de suas falas. Em um segundo momento transitamos pelo nosso lugar de africano e, em um último momento, ocupamos um terceiro lugar, o de pesquisador. A posição do pesquisador na verdade está presente o tempo todo. Mas sendo o próprio pesquisador sujeito ativo da pesquisa, é necessário transitar pelas outras posições constantemente. É nesse movimento de vai e vem, nesse deslocamento permanente da posição do sujeito que começamos a perceber as primeiras *redes* evidenciadas pelos participantes da pesquisa.

Ao falar de redes, buscamos dialogar com uma perspectiva determinada. A palavra redes é empregada metaforicamente se referindo às narrativas que emergem – no campo discursivo formado pelos sujeitos *praticantespensantes* – e se constituem como aprendizagens e construção de conhecimentos. Nesse contexto, compreendemos aprendizagens como “processos de enredamento cotidiano e pessoal, de informações, conhecimentos, experiências vividas e demais modos de contato com o mundo, incluindo a experiência de assistir filmes (OLIVEIRA e GARCIA, 2016)”. As redes de conhecimentos e de aprendizagens são, portanto, tessituras de informações e de experiências diversas. Elas se evidenciam a partir dos fios que tecem os discursos dos *praticantespensantes*. Assim sendo, para compreender as percepções que as professoras têm do continente africano e como essa percepção foi socialmente construída, puxamos os fios a partir dos quais se enredam os conhecimentos que embasam tais percepções. Esses fios se encontram na experiência fílmica das professoras em relação ao continente africano.

As experiências fílmicas e as redes de formação

Ao falar das experiências fílmicas dos sujeitos da pesquisa, nos referimos especificamente ao ato de ver filmes. Mais particularmente ao contato que as professoras já tiveram com filmes africanos. Partimos da concepção de que, para compreender as percepções que as professoras têm do continente africano e a forma como essas percepções foram construídas, é preciso buscar nas suas memórias.

Enquanto seres humanos vivendo em um mundo de imagens, somos constituídos pelas imagens. A partir de Boaventura de Sousa Santos é possível aprender que cada indivíduo é uma rede de sujeitos e que de acordo com as situações da vida cada parte dele assume determinada postura. Como diz o autor "(...) os indivíduos e os grupos sociais são de fato, constelações de subjetividades, articulações particulares, variáveis de contexto para contexto, entre as diferentes formas e dimensões" (SANTOS, 2005, p.333). É a partir dessa premissa que Oliveira e Garcia (2016) afirmam que "as experiências com o cinema e o que os filmes nos transmitem e fazem aprender se incluem entre tantas outras que, ao se enredarem, criam o que somos, pensamos e fazemos (p.123)". Nessa mesma perspectiva, considerando a natureza semiótica das imagens é oportuno também recorrer à relação que Bakhtin estabelece entre signos e consciência. O autor nos ensina que a consciência se nutre de signos. Diz ele que,

A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e refletem sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto signifiante, etc. constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples

ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2009, p.30).

Portanto, em um cenário de diálogo entre sujeitos estamos em presença de intercâmbios entre consciências. Durante esse intercâmbio, os fios que compõem cada sujeito entram em contato uns com outros por meio das narrativas, dos diálogos estabelecidos. Assim sendo, adentrar as redes reveladas pelas professoras requer que se atente para os fios tecidas por meio de suas narrativas.

Assim sendo, o final do mês de março de 2016 foi especial. Com efeito, no final da tarde do dia 30, no anfiteatro João Carriço, no centro de Juiz de Fora, se reuniram 29 professoras do ensino básico da rede pública do município de Juiz de Fora. Era um público heterogêneo composto por professoras jovens e mais velhas. Desse modo, o tempo de experiência de atuação também se mostrava diverso. Algumas professoras têm poucos anos de magistério enquanto outras já completaram 20 anos de carreira. Eram professoras entusiasmadas, engajadas e amorosas – amor pela profissão. Apresentamos-nos destacando o quanto todas eram importantes para a pesquisa. Falamos um pouco da pesquisa por nós iniciada, de seu objetivo, das perguntas iniciais das quais ela decorre. Provocamos as professoras por meio de questões simples em relação à proximidade entre o Brasil e o continente Africano. Depois dessas falas convidamos as professoras a se apresentarem. Enquanto continuavam entrando na sala e se instalando algumas professoras, as outras começaram a se apresentar. A apresentação deveria levar em conta uma proposta: falar seu nome completo, sua escola e nível de atuação e, na medida do possível mencionar filmes, vídeos africanos ou sobre a África que já tinham assistido.

Convidamos a partir deste momento, algumas dessas professoras para compor nossa primeira roda de conversa.

A *Flor de Maio* se apresentou então e rompeu o silêncio. Ela leciona no 4º ano primário da sua escola. Diz ela, *filmes sobre África, eu já vi muito, mas não vou lembrar nenhum nome agora. Será que já viram filmes sobre leões, tipo assim, leões tinham que matar pessoas na ilha na África? Não lembro o nome, vou ser muito sincera, mas só besteira...* Enquanto todos nós tentávamos adivinhar qual era esse filme, a professora Dina – integrante do Grupo LIC e também professora da Rede Municipal – lembrou: “A Sombra e a Escuridão”! Quase que foi um achado em conjunto com outras professoras. Pois várias chegaram a pronunciar o nome do filme junto com ela e com vigorosos gestos de cabeças em sinal de concordância e de confirmação. A Flor de Maio também confirmou, *é o nome dele!* Assim, a Onze-horas tomou a palavra. *Já venho fazendo um trabalho nessa área. E filme que eu já vi, “Histórias cruzadas”, um outro documentário sobre África também é muito bom...Eu já vi outros filmes também relacionados a África...Infantil seria “Kirikou”, (...) eu sou apaixonada por esse filme. Trabalhei e ainda vou trabalhar com eles.* A professora Rosa informou que assistiu filmes sobre crianças, soldados, mas não se lembra dos nomes e começa a contar um trecho de um desses filmes. Nesse momento, a Onze-horas comentou: *“quando ela vai falando a gente vai lembrando.”* A professora Ipê falou de dois filmes dos quais não se lembrava dos nomes. Sem problema! Pois quando começou a contar o trecho de um dos filmes, a Onze-horas replicou dizendo: *“eu assisti esse também.”* Todos rimos...e ela contou o nome do filme: *“Uma boa mentira”*. estendendo a mão na direção da Ipê, esta responde logo repetindo o nome e confirmando-o. A professora Onze-horas continua dizendo: *Esse filme nossa!!!E vai fazendo gestos corporais como quem*

estava sentindo arrepios. Quase todas as professoras que estavam ao seu redor começaram a rir em voz alta, com olhares direcionados para ela. Durante esse momento de risos compartilhados, a professora *Manacá da serra* tomou a palavra.”

Eu vi um filme que se aproxima do que a colega falou, “A Sombra e a Escuridão”... porque assim, quando fala da África e acho que passa muito na televisão só essas crianças né?, magrinhas, barrigudinhas, doentes, então assim, eu eu já vi documentários assim, mas é uma coisa que a gente acaba sofrendo muito, eu acabo sofrendo muito. Então tem hora que até eu evito...coisa feia né? Mas assim, porque o sofrimento acaba sendo muito grande, não consigo lidar com isso ainda muito bem. Então assim, eu não sei dizer, tirando um filme, nome também eu não sei, tirando o...o...o que ela falou aí que é a sombra e a escuridão, né? que esse eu me lembro muito bem de assistir umas 10 vezes... nem documentários que eu assisti eu não sei dizer o nome...

Enquanto Manacá da Serra terminava, a professora Onze-horas se lembrou de mais um filme: *“A flor do deserto”*. A *“Sombra e a Escuridão”* é também o único nome de filme do qual se lembrou a Professora Bouganvíle. Diz ela:

o único nome que eu me lembro é a “a Sombra e a Escuridão”. Mas para ser bem sincera, eu não gosto de filme muito assim, eh...igual ela falou, quando se fala em África a gente logo pensa mesmo nessas crianças, nesse sofrimento, então realmente a gente acaba se esquecendo de... igual você falou né?, do outro lado da África. E a gente pensa ah se é isso... e a gente acaba não querendo conhecer mais a história, né? E agora você falando, eu falo: olha só, como que a gente às vezes veda o conhecimento da gente né? Porque eu poderia estar aprendendo mais coisas. Agora, a partir de agora eu falo para você que eu

*vou assistir, eu vou querer saber... (sorrisos e risos...). Não!
Vou sim!*

Terminou dizendo essas palavras acompanhada de grandes gestos de cabeça em sinal de confirmação e determinação. Em meio a outras falas, surgiu a voz da *Alamanda*:

Eu acho que eu nunca assisti uma produção totalmente africana...só assisti essas produções que passam..., mas teve uma vez na escola que passou o documentário de uma africana que nasceu na África e foi morar nos Estados Unidos e ela chegando lá, ela viu que realmente ninguém conhecia, pensam na África totalmente diferente. Aí eu me lembrei da minha infância.

E apontando para ela mesma, colocando a mão no peito e com bastantes gestos de cabeça e sorrindo continuou falando:

Para mim quando eu era criança a África era um país e cheia de... Mas na verdade a gente não conhece totalmente.

E a *Violeteira* continuou:

Eu trabalho com educação infantil há 14 anos no Bairro Santo Antônio. Esse ano eu trabalho na bidocência com alunos que têm necessidades especiais...Já vi vários filmes da África...Enfim eu tenho projetos meus, anseios missionários futuramente então tenho que me preparar. Já fui contribuir para um grupo lá de Angola...Mostrou da miséria, que tem as crianças na escola né? E nas escolas em África...né? Não é igual aquela fartura que tem aqui na merenda, né? É coisa mínima, né? Eles sentam tudo no chão...E me tocou muito assim, né? E fico pensando os Estados Unidos que produzem cada filme, gastam milhões de dólares...porque os países da África são países que tem tanta miséria né?... Não me lembro nomes..., mas um que

me marcou e chorei muito, chorei muito quando vi o filme, que se chama "A cor púrpura".

Quase todas as participantes ao ouvir o nome do filme, fazendo vivos movimentos de cabeça, deixaram ecoar juntas: *ummmmmmm!!!!!!* antes de Violeteira terminar assim: *eu era menina, devia ter uns 10 anos...*

Nesse momento, nós reportamos a Bakhtin ao dizer que nas ciências humanas, o objeto com qual lida constantemente o pesquisador é, o texto expresso pelos sujeitos. Ou seja, as falas, os discursos tanto verbais quanto não verbais. Essa primeira roda de conversa nós coloca diante dos textos dos *praticantes pensantes*. É olhando cuidadosamente para eles que enxergamos as redes que deles decorrem. Ressaltamos que a metáfora da rede aparece para nós como a melhor forma possível de penetrar a complexidade discursiva que atravessa essa primeira roda de conversa. Assim sendo, o entrelaçamento dos fios discursivos desvelam duas redes que podem ser enfatizadas aqui. São elas: *a rede de memórias e de sujeitos* e *a rede de descobertas*. Essas duas redes possibilitam uma aproximação da compreensão da percepção que os sujeitos têm do continente africano e como tal percepção foi construída. Mas também, a partir delas vislumbramos a constituição de um espaço de aprendizagem a partir do cinema africano.

Rede de memória e de sujeitos

Recordando o ensinamento de Boaventura ao qual nos referimos anteriormente, compartilhamos da perspectiva de que somos redes de sujeitos em movimento. De acordo com o espaço em que nos encontramos, com o contexto e as realidades com as quais lidamos cotidianamente, cada faceta de nós se afirmar e nos leva a assumir determinada postura, a proferir determinado

discurso. É nessa perspectiva que a memória dos sujeitos/professoras que participaram desta pesquisa adquire uma grande importância. Buscamos primeiro tentar penetrar em suas memórias para enxergar como elas se relacionam com o cinema africano. Ao serem convidadas, a citar nomes de filmes africanos aos quais já tiveram acesso no passado, provocamos as professoras a, um grande jogo de memória que confronta os sujeitos. A produtividade desse exercício está expressa na fala de Oliveira e Garcia (2016) quando as autoras afirmam que

as experiências com o cinema e o que os filmes nos transmitem e fazem aprender se incluem entre tantas outras que, ao se enredarem, criam o que somos, pensamos e fazemos. Filmes sem pretensões formadoras ou intelectuais frequentemente nos trazem lições importantes ou formulam melhor do que conseguimos, ideias e concepções que já temos (OLIVEIRA e GARCIA, 2016, p.123) de

É o que ressalta nos discursos dos sujeitos que foram apresentados na roda de conversa anterior. Com efeito, a grande maioria das professoras já assistiu a um filme que remete de certa forma ao continente africano. Esse fato se confirma pela diversidade de nomes de filmes que foram revelados. É importante perceber o processo pelo qual os nomes dos filmes são revelados. Na maior parte do tempo, o sujeito não se lembra do nome do filme. O início de fala *“não me lembro de um nome de filme agora mas...”* apareceu várias vezes. No entanto, o *“não me lembro...”* é seguido por um esforço de memória profundo. Isso se materializa pela tentativa de narração de um trecho do filme em questão. A partir daí a lembrança do trecho em narração coincide com a lembrança do mesmo trecho por outros membros da roda e nesse cruzamento de memórias um nome de filme acaba sendo revelado e confirmado por várias participantes. Assim sendo, não são apenas lembranças, ou seja, memórias que são cruzadas. O que são cruzadas são as imagens embutidas nessas memórias.

Os signos imagéticos enraizados na consciência dos sujeitos se cruzam e se materializam nos seus discursos. Essas imagens dizem respeito à percepção dos sujeitos a respeito do continente africano. A natureza de tal percepção é determinada pelos tipos de imagens ao qual o sujeito teve acesso através dos filmes. Nesse sentido é necessário fazer a distinção entre três tipos de filmes: os que denominamos por *“filmes sobre o continente africano”*, os que denominamos por *“filmes africanos”* e os que denominamos por *“filmes diaspóricos”*.

Existe uma produção cinematográfica bem diversificada que aborda o continente africano a partir de diversos ângulos. Apesar do continente ser muitas vezes o lócus de produção das imagens desses filmes ou que os temas abordados neles lhe sejam fortemente relacionados, é preciso prestar atenção à natureza das imagens e dos discursos e tomá-los com cautelas. Ao falar de *“filmes sobre o continente africano”* fazemos referência às produções que na maior parte do tempo são alheias às realidades africanas. Elaboram um discurso a partir de um olhar situado fora do continente. Quando penetra o continente, é muitas vezes para filmar/mostrar imagens que legitimem esse discurso. Assim sendo, as imagens fílmicas já chegam ao espectador cheias de preconceitos e estereótipos. Os *filmes sobre o continente africano* na maior parte do tempo são produzidos por grandes produtoras nortes americanos ou europeias e têm acesso fácil devido à mobilização de grandes recursos financeiros para a sua produção e distribuição.

À contracorrente dos filmes sobre o continente africano, existe outro tipo de produção fílmica. Ao chamá-los de *filmes africanos*, nós nos baseamos mais no aspecto de seus discursos e de suas imagens. Primeiro, são tipos de filmes que não conseguem se beneficiar de iguais recursos financeiros e humanos

como os filmes sobre o continente africano e não atingem um público tão grande. Porém, conseguem articular um tipo de discurso a partir de dentro do continente africano. Abordam, apresentam e problematizam temas e assuntos do cotidiano dos africanos sem, no entanto acompanhá-los de preconceitos e estereótipos. Isso acontece porque na maior parte do tempo os diretores desses tipos de filmes, assim como seu elenco, são africanos natos que vivem no continente africano. Portanto têm maior proximidade com os assuntos abordados pelos seus filmes além de ter uma compreensão empírica mais profunda dos temas propostos. É preciso ressaltar que muitos dos diretores africanos se formaram em instituições de cinema europeias.

O terceiro tipo de produção cinematográfica em nossa opinião segue a lógica dos *filmes sobre o continente africano*. Trata-se do que podemos chamar de *filmes diaspóricos*. São produções cujos roteiros e direções são de autoria de africanos, porém africanos que nasceram – ou emigraram muito cedo – e cresceram na Europa ou na América do Norte e que, portanto, têm uma visão do continente africano moldada pela visão ocidental. Ou seja, reproduzem quase o mesmo discurso estereotipado e preconceituoso europeu ou norte americano através de suas obras.

Perante esse cenário de produção fílmica que esboçamos, chegamos a uma conclusão imprescindível, porém que não é uma novidade. É o fato de que à imagem de todas as outras formas de produções artísticas, os filmes também são produções espaço-temporalmente situadas. Daí que as apropriações que se faz desses filmes pelos espectadores dependem do contexto e das situações em que o contato foi feito entre eles e as obras. Ou seja, o contexto e as condições de fruição têm influências sobre a relação que o espectador estabelece com a obra, durante o momento da fruição e daí para frente.

Ao voltar para a preocupação de saber qual a percepção que as professoras têm do continente africano e como essa percepção foi construída, encontramos logo o que é apontado pelas memórias delas e que se materializa nas suas falas. Ou seja, as imagens enraizadas nelas e que dizem respeito ao referido continente. A partir do exercício que levou ao confronto de memórias, de imagens, vários nomes de filmes foram citados durante a roda de conversa. Os nomes dos filmes referenciados, os comentários e discussões que os acompanharam, são bastante interessantes. Praticamente todos os filmes citados – ficção ou documentário – são de produção norte americana. Ou seja, na nossa perspectiva, *filmes sobre o continente africano*. Além disso, os comentários, as emoções e os sentimentos que foram compartilhados durante a roda trazem a tona três tipos de visões/percepções do continente africano. Trata-se de uma visão de África sofrida – fome, miséria, doenças, etc., uma visão de África selvagem caracterizada pelo tribalismo e pelo convívio com os animais selvagens, e a visão de uma África onde guerras e conflitos são comuns. A produção dessas percepções acontece e se sustenta pelo acesso e consumo das múltiplas imagens que circulam na sociedade – por meio dos diversos canais que existem para esse fim – em relação ao continente africano. Tudo depende de como esse consumo é feito. Um consumo não problematizado leva inevitavelmente à construção desses tipos de percepções precedentemente mencionadas, enquanto um consumo problematizado, questionado, pode levar a percepções diferenciadas.

Rede de descobertas e o espaço de aprendizagem

Terminamos a parte anterior ressaltando a necessidade de problematizar o conteúdo fílmico acessado no intuito de ter uma visão diferenciada do

continente africano. Durante a tarefa em que as professoras tentaram se lembrar de nomes de filmes em relação ao continente africano e de falar sobre eles, o ato de problematização ocorreu de maneira quase espontânea. Mas ainda não de maneira profunda, pois os questionamentos aconteceram ao longo de nossos encontros, ou seja, atravessaram várias rodas de discussão. Mas, o exercício realizado durante o primeiro encontro foi um marco inicial importante para as problematizações. Além disso, se constituiu também como momento de descobertas tanto para os pesquisadores quanto para as professoras.

Considerar os pesquisadores como sujeito ativo da pesquisa, é aceitar que tanto eles quanto as professoras não saíram da pesquisa do jeito que nela entraram. Houve mudanças em cada participante. Entre os elementos provocadores dessas mudanças situamos as descobertas realizadas ao longo dos nossos encontros. No primeiro encontro com as professoras as descobertas dizem respeito a dois fatos: os filmes já conhecidos e a descoberta de novos filmes. No primeiro encontro, enquanto pesquisadores, descobrimos nomes de vários filmes sobre o continente africano que nunca imaginamos que existiam. Ao mesmo tempo, ao longo dos encontros, os participantes descobriram novos filmes, que de um modo geral navegam contra a corrente dos filmes cujos nomes foram citados. Para ir mais adiante sobre esse fato, retomamos aqui um trecho da nota de campo do primeiro dia de encontro com os professores.

Antes da chegada dos participantes, o trabalho preparatório já tinha sido feito. Esse trabalho preparatório constituiu em ligar os equipamentos, testar o DVD do filme, testar o som, ligar o ar condicionado para arejar e refrescar a sala. Na tela, estava projetado um mapa do continente africano mostrando seus países e limites territoriais. (...). Em seguida a essa apresentação para os

professores que gerou comentários e pontos de vistas compartilhados em relação ao continente africano, falamos um pouco do filme do dia (Nha Fala), do seu diretor (Flora Gomes) e do país de origem do diretor (Guine Bissau). Nesse processo, um dos pesquisadores apontava para o mapa do continente africano localizando a Guiné Bissau, mas também as outras Guine (Guine Conacri e Guine Equatorial). Chamamos a atenção para o fato de que o continente africano é um conjunto de países (55) e ilhas e não apenas um país só. Destacando que em alguns documentos muito antigos ou não atualizados pode ser encontrado um número menor de países. Algumas professoras mencionaram que – concordando conosco – quando se fala em África muitas vezes pensamos nela nos referindo a países como Guine Bissau, Angola, Cabo Verde e Moçambique (trecho, nota de campo, Março de 2016).

A partir dos elementos trazidos por esse trecho de nota de campo, algo importante merece destaque. É a descoberta por grande parte das professoras de que a África é um continente tão imenso quanto diverso e não um país ou um pequeno grupo de países onde se fala apenas o português. Essa disposição em enxergar a África como continente é imprescindível para o posterior trabalho contínuo de problematização. É necessário para a relação espaço-temporal que as professoras devem fazer com os filmes.

A tarefa de problematização contínua à qual nós nos referimos não poderia acontecer ao longo dos encontros sem a abertura de espaços propícios para isso. O espaço físico em que se encontra pesquisador e participantes deve ser enxergado de outra forma e levando em consideração sua complexidade. É um espaço aberto para que novas aprendizagens possam acontecer. Para isso, é preciso ir além do espaço físico e enxergar os espaços simbólicos abertos. Identificamos o desdobramento do espaço físico em dois espaços simbólicos.

Trata-se da *Zona de Contato* e da *Zona de Desenvolvimento Iminente*. São dois conceitos perfilhados por autores diferentes, em tempos e espaços diferentes, mas, que podem dialogar entre eles para possibilitar uma melhor compreensão dos processos de aprendizagens acontecidos durante esta pesquisa. Começamos então pelo primeiro.

A *Zona de contato* é um conceito desenvolvido por Boaventura de Souza Santos (2008) e que chama outro conceito que é o de *Tradução cultural*. Com efeito, na sua crítica à modernidade ocidental, o autor propôs alternativas para a superação da racionalidade eurocêntrica. Ao dar ênfase à *Sociologia das ausências* e à *Sociologia das emergências*⁴, Santos propôs o trabalho de *tradução* como exercício capaz de possibilitar um diálogo horizontal e mais produtivo entre a racionalidade eurocêntrica – hegemônica – e outras formas de racionalidades – hegemônicas. O trabalho de tradução é, portanto um trabalho contra hegemônico. Ele consiste em encontrar elementos que possam permitir uma inteligibilidade entre a racionalidade eurocêntrica e as outras formas de racionalidades. Ou seja, possibilidades de diálogos e de enriquecimento mútuo entre formas de intervenção no mundo, entre visões de mundo, sem que nenhuma se coloque de maneira hegemônica em relação a outra.

A tradução é o procedimento que permite criar inteligibilidade recíproca entre as experiências do mundo, tanto as disponíveis como as possíveis, reveladas pela sociologia das ausências e a sociologia das emergências. (...) Só através da inteligibilidade recíproca das práticas é possível avaliá-las e definir possíveis alianças entre elas. Tal como sucede com o trabalho de tradução de saberes, o trabalho de tradução das práticas é particularmente importante entre práticas não-hegemônicas, uma vez que a inteligibilidade entre elas é uma

⁴ Para melhores informações sobre os conceitos de *sociologia das ausências* e *sociologia das emergências*, consultar Santos (2008) cujo detalhe da obra se encontra nas referências bibliográficas. .

condição de sua articulação recíproca. Esta é, por sua vez, uma condição da conversão das práticas não-hegemônicas em práticas contra hegemônicas (SANTOS, 2010 p.123-127).

A Zona de contato é então o espaço em que acontece o trabalho de tradução. É um espaço *negociatório* onde se encontram representantes de diferentes culturas para negociar os termos da tradução. Diz Santos que,

Zonas de contato são campos sociais onde diferentes mundos-da-vida normativos, práticas e conhecimentos se encontram, chocam e interagem. (...). Nas zonas de contato interculturais, cabe cada prática cultural decidir os aspectos que devem ser selecionados para confronto multicultural (p.130).

Por ser um espaço de discussão, de diálogo, de negociação, ele é sempre tenso.

A partir dessas ênfases de Santos, entendemos que o trabalho de tradução pode acontecer tanto em escala grande quanto em escala pequena, ou seja, em contextos bem específicos, uma vez que o assunto diz respeito à negociação cultural. É nessa perspectiva que o espaço aberto nessa pesquisa para tecer aprendizagens em relação ao continente africano se constitui como uma Zona de Contato. Com efeito, o pesquisador principal é africano e se encontra em uma condição diaspórica. Os participantes da pesquisa são brasileiros. O pesquisador apresenta elementos (práticas culturais, fatos do dia a dia, visão diferenciada de mundo, etc.) do continente africano aos participantes. Estes partem de suas práticas, de suas vivências do dia a dia, de suas visões de mundo para (re)significar esses elementos apresentados pelo pesquisador. Nesse processo, o que as participantes já sabiam em relação ao continente africano também é questionado e problematizado. Aí é que entram em jogo os movimentos entre a segunda Zona: a Zona de desenvolvimento Iminente.

Esse conceito foi desenvolvido por Vigotski (2009) na sua tentativa de explicar o processo de aprendizagem escolar da criança e seu desenvolvimento.

Para o autor, os processos de aprendizagem e de desenvolvimento são interligados. E nesses processos, existe a Zona de Desenvolvimento Iminente. Com efeito, nas situações de aprendizagem, existe o que a criança consegue aprender sozinha de forma autônoma. Porém, existe também o que ela não consegue aprender sem a ajuda de outra pessoa que já superou esse nível de aprendizagem e de desenvolvimento. Sendo que o desenvolvimento da criança se aprofunda à medida que vai adquirindo novas aprendizagens, existe, portanto, o desenvolvimento atual – ou seja o lugar onde a criança se encontra atualmente no seu processo de desenvolvimento – e o desenvolvimento potencial. Ou seja, o desenvolvimento ligado às aprendizagens que a criança consegue realizar a partir da mediação de outro ser social. A Zona de Desenvolvimento Iminente é, portanto essa zona em que as intervenções são possíveis. É possível nessa zona ajudar a criança a chegar ao estágio iminente de seu desenvolvimento, intermediando suas reflexões por meio de provocações, de perguntas, de sugestões, etc.

Apesar das ênfases de Vigostki em relação à aprendizagem e ao desenvolvimento dizem respeito à criança, nós nos baseamos nelas na perspectiva de ampliá-las para discutir as aprendizagens a partir do cinema africano, pois, os sujeitos desta pesquisa não são crianças, mas adultos. Com efeito, a aprendizagem acontece a qualquer idade e a qualquer momento da vida. Basta que tenha uma situação que desafie e desencadeie essa aprendizagem. Portanto, a Zona de Desenvolvimento Iminente não se limita à infância. Ela se estende ao resto da vida, pois no dia a dia, existem situações, acontecimentos, experienciais individuais ou coletivas que provocam, desafiam, emocionam, e fazem tecer novas aprendizagens superando sempre os limites do desenvolvimento.

Ao longo dos encontros com as professoras, um espaço de negociação cultural foi configurado. Os acontecimentos desse espaço desafiam estes últimos e cria possibilidades de aprendizagens. Os dois principais acontecimentos são: *a fruição de filmes africanos* e *a conversa pós-fruição*. Os desafios, as provocações acontecem nesses dois momentos onde a Zona de Contato se relaciona com cada sujeito. Nessa relação o elemento mediador é o filme. A narrativa fílmica penetra o sujeito e opera a mediação que leva a novas aprendizagens. Assim sendo há uma intervenção mediada pelo filme que desafia e tenciona a Zona de Desenvolvimento Iminente das professoras. Essa intervenção provoca o que os sujeitos já sabiam a respeito do continente africano e os levam a problematizá-lo. É nessa perspectiva que a primeira roda realizada com as professoras por meio de suas atividades se constituiu como a abertura de uma Zona de Contato cujos acontecimentos levaram a novas aprendizagens.

Considerações finais

Ao longo deste texto apresentamos reflexões iniciais acerca de contatos de professoras de ensino básico da rede pública da municipalidade de Juiz de Fora com o cinema africano. Esse contato iniciou-se com um exercício muito produtivo. A partir de um esforço de memória, as participantes mergulharam nas imagens embutidas nelas a respeito do continente africano e, através de um cruzamento de memórias, de discursos, revelaram redes que permitem apreender suas percepções acerca do referido continente e como essa percepção é socialmente construída. Enfatizamos as redes de memórias e as redes de descobertas compartilhadas pelas professoras/participantes assim como as percepções partilhadas pelas participantes. Nesse sentido, foi

importante perceber os espaços que se abriram para possibilitar a tessitura das redes evidenciadas. A Zona de Contato configurou-se como um espaço simbólico negociatório entre pesquisadores e participantes. Sendo um espaço simbólico de diálogo e de reflexão, as provocações, os desafios, que acontecem nessa zona o coloca em contato com outra Zona. A Zona de Desenvolvimento Iminente. Assim sendo, as descobertas realizadas, as memórias cruzadas, as emoções e tensões compartilhadas pelas participantes as colocam na disposição para problematizar os filmes fruídos. Essas problematizações levam a tessitura de novos conhecimentos a respeito do continente africano superando as percepções limitadas e preconceituosas.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2009.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana**. Rio de Janeiro: Faperj, 2012.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; Garcia, Alexandra. **O cinema: redes de prazeres e aprendizagens em imagens móveis**. *Quaestio*, Sorocaba, v.18, n.1, p. 117-134, maio 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez editora, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez editora, 2010.

VIGOSTKI, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fonte, 2009.